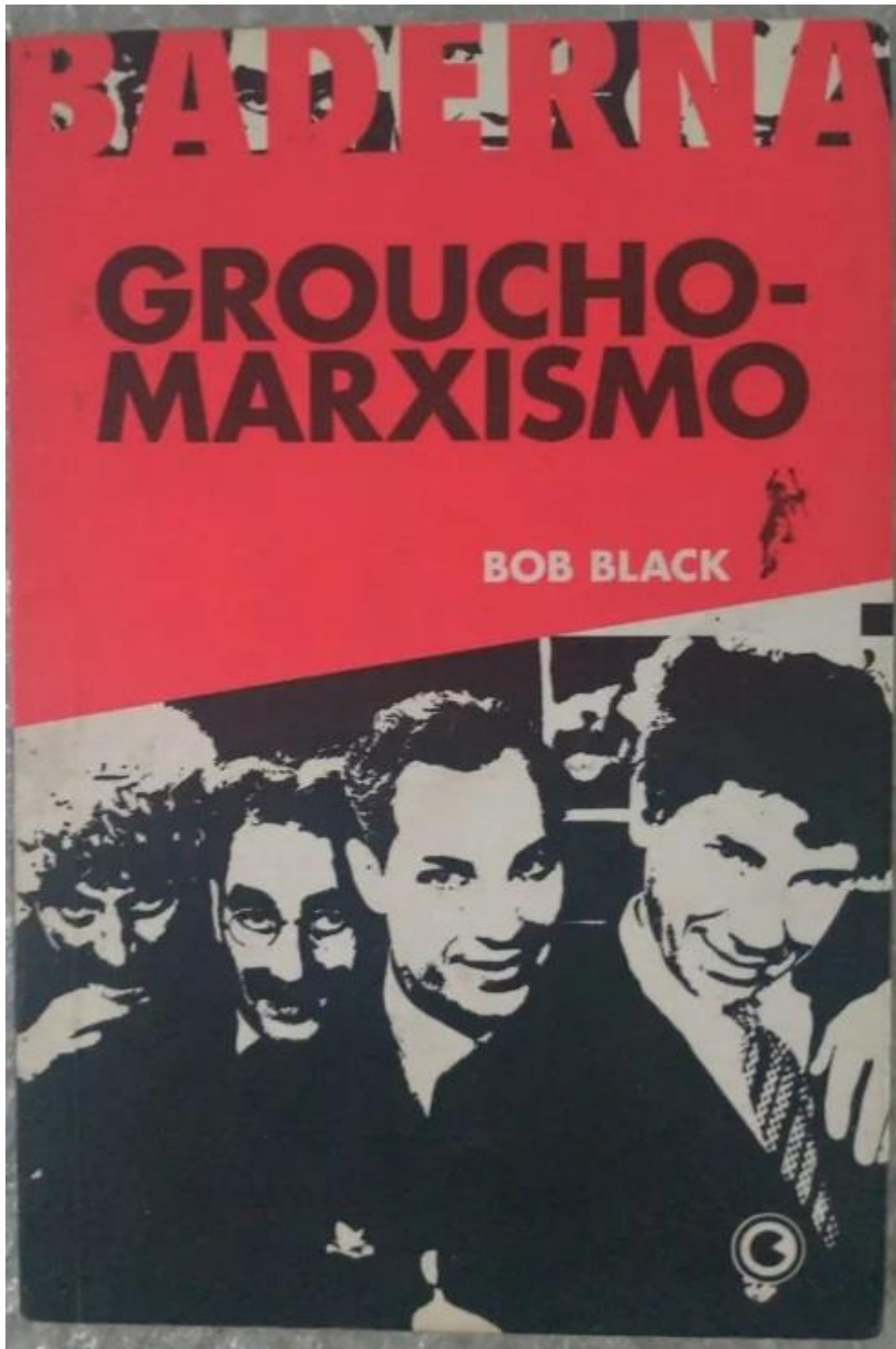
Groucho Marxismo (Resumo Feliz)

Bob Black

Robert Charles Black Jr. nasceu em 1951, em Detroit, Michigan. Tem uma sólida formação na área de direito, então escreveu artigos sobre o tema em diversas publicações jurídicas e até em órgãos da grande imprensa.

Mas, em paralelo, ele é também Bob Black, que ganhou fama no underground produzindo uma série de pôsteres políticos irônicos sob o pseudônimo The Last International e é um dos mais influentes pensadores anarquistas contemporâneos dos Estados Unidos.

Bob Black é um crítico radical do capitalismo, do Estado e da sociedade organizada em torno do trabalho

BLACK, Bob. Groucho-Marxismo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

Lembrando que este resumo não diminui minha sugestão de ler a obra completa, espero que ele sirva apena de inspiração para buscá-la.

Se achou isso engraçado, dê uma olhada em sua vida!

Abolição do Trabalho

(...) Sindicato e patrões concordam que devemos vender o auge de nossa vida em troca de sobrevivência, embora discordem quanto ao preço. (...) (Página 20)

(...) Foucault e outros demonstraram, prisões e fábricas foram criadas mais ou menos ao mesmo tempo, e seus operadores conscientemente emprestaram as técnicas de controles um dos outros. Um trabalhador é um escravo em meio período. O chefe diz quando ele deve chegar, quando deve ir embora e que deve fazer durante a jornada. Ele diz quanto trabalho alguém deve fazer, e com que rapidez. Tem liberdade para levar seu controle a extremos humilhantes, regulamentando, se assim desejar, o que alguém deve vestir ou com que frequência deve ir ao banheiro. Com poucas exceções, pode demitir alguém por qualquer motivo, ou sem motivo. Põe dedos-duros e supervisores para espionar as pessoas e acumula um dossiê para cada empregado. Retrucar é chamado de "insubordinação”, como se um trabalhador fosse uma criança malcriada, e não só leva à demissão da pessoa, como também impede que ela obtenha um seguro-desemprego. Sem necessariamente endossar a prática, vale ressaltar que crianças, em casa e na escola, recebem praticamente o mesmo tratamento, justificando no caso delas, por sua suposta imaturidade. (...) (Página 27)

(...). Quando se drena a vitalidade das pessoas no trabalho, elas ficam predispostas a se submeter à hierarquia e à especialização em tudo. (Página 28)

Vamos fingir por um momento que o trabalho não transforma as pessoas em submissas estultificados. Vamos fingir, desafiando qualquer psicologia plausível e a ideologia de seus propagadores, que ela não tem efeito algum na formação do caráter. E vamos fingir que o trabalho não é chato, cansativo e humilhante como todos de fato sabemos que é. Mesmo assim, o trabalho ainda seria um insulto a todas as aspirações humanistas e democráticas, apenas porque usurpam tanto do nosso tempo. (Página 29)

(...) precisamos pegar o trabalho que permanece útil e transformá-lo em uma agradável variedade de passatempos lúdicos e artesanais, indistinguíveis de outros passatempos prazerosos exceto pelo fato de que resulta em um produto finais úteis. A criação poderia se tornar recreação. E todos poderíamos parar de sentir medo uns dos outros. (Página 39)

Trabalhadores do mundo... relaxem!

(...) Quando dizemos que alguém está sendo “diplomático”, queremos dizer que ele está contando mentiras para arquitetar algum conflito. (...) (Página 52)

(...) O terrorismo não é tanto uma questão de destruição e morte quanto de correção e indumentária. Soldados são terroristas que tiveram o cuidado de se vestir para o sucesso. Isso basta para que os gerentes de opinião pública durmam tranquilamente. (...) (Página 53)

A corrupção da linguagem promove a corrupção da vida. É na verdade o seu pré-requisito. Um primeiro passo rumo à paz e à liberdade - impossível agora, sob a sociedade de classe e sua arma, o Estado - é chamar as coisas por seus verdadeiros nomes. Assim, a diferença entre os agentes do complexo militar-industrial-político-jornalístico e a arraia-miúda que a mídia difama como “terroristas” é apenas a diferença entre o atacado e o varejo. Guerra é assassinato. Imposto é furto. Conscrição é escravidão. Laissez-faire é totalitarismo E (diz Debord) “num mundo *realmente* de ponta-cabeça, o verdadeiro é um momento do falso”. (Página 56)

Ritos de Esquerda

(...) “Ativismo” é idiotice quando enriquece nossos inimigos e lhes dá poder. O esquerdismo, esse parasita de símbolos doloridos, teme a deflagração do incêndio do Wilhelm Reichstag, que vai consumir seus partidos e sindicatos junto com as corporações, exércitos, igrejas atualmente controladas por seu ostensivo oponente. (Página 59 e 60)

Se vocês se não revoltarem contra o trabalho, estarão trabalhando contra revolta

Meu problema com o anarquismo

Se os anarquistas são capazes de atitudes autoritárias e de incoerência ideológica, eu não devo chamá-los cegamente de camaradas, mais do que chamaria de camarada um guarda rodoviário ou um vendedor de carros usados. O rótulo não é uma garantia. (...) (Página 68)

Para um verdadeiro camarada, as críticas seriam bem-vindas

(...) Ideólogos que não tem capacidade ou maturidade para defender com profundidade suas opiniões deveriam guardá-las para si próprios (...) (Página 69)

A divina comédia

Um super-herói precisa de supervilões, como o Estado precisa de criminosos. O Vingador Mascarado (bem, na verdade ele só usa um chapeuzinho) jamais terá falta deles. O Prelado Polonês tem a singular autorização (porque usa as sandálias de São Pedro, pescador de homens) para fabricar novas categorias de pecadores à medida que as velhas vão sendo usadas. Se a fonte de bruxas secou, é só demonizar o Planejamento Familiar. Pesquisas de célula-tronco: nano-genocídio. Nenhuma Criança Deixa Para Trás e nenhuma criança sem a devida atenção do Pai na parte de trás. (Página 70)

Tecnofilia, uma doença infantil

(...). Há algo muito fora de controle num maníaco por controle que insiste em taxar de fascistas ideias que não aceitam ou entende. Nada que eu diga para denunciar esse tipo de oportunismo masturbatório será forte demais. "Fascista" não é, (...), um nome de uso geral, sinônimo de “mim não gosta". (...) (Página 89)

(...). Acontece que existem fascistas de verdade neste nosso mundo imperfeito. Vulgarizando o termo e se dizendo contra os fascistas. (...) (Página 89)

(...). Não existem verdadeiros métodos de descoberta, apenas métodos úteis. Em princípio, ler a Bíblia ou tomar LCD são práticas tão legítimas, no contexto da descoberta, quanto fuçar publicações técnicas regularmente. Não importa se Arquimedes realmente obteve inspiração pulando na banheira, ou se Newton a conseguiu vendo uma maçã cair. O que importa é que esses - quaisquer - gatilhos da criatividade são possíveis e, se forem eficazes, são desejáveis. (Página 92 e 93)

A realização e supressão do situacionismo

(...) Ninguém pode se realizar num “trabalho”, mas apenas se realizar, e ponto final. Depois da arte, vem a arte de viver (...) (Página 100)

(...) O modo como McLaren administrou a carreira dos Sex Pistols - sem falar do modo como fabricou o grupo -, nos faz suspeitar de um experimento cínico de engenharia social situacionista. (...) (Página 110)

Embora poucos soubessem disso na época, a negatividade abrangente do funk havia sido refratada através de um prisma situacionista. (...) (Página 111)

(...) nos últimos 15 anos parecem versões malfeitas das publicações da IS, e alguns deles lidavam com ideias situacionistas (...) (Página 111)

(...) a cópia é o original. Assim, suas pequenas tiragens contam menos que o potencial para a infinita multiplicação de originais nos cálculos de museólogos, cuja deprimente ciência é, como a economia, regida pela escassez. (...) (Página 111 e 112)

(...) Ninguém precisa ser um situacionista para saber que as coisas nem sempre são o que parecem (embora isso ajude). O espetáculo apenas parece ser contínuo e sereno. A tentação de ser elitista, como de ser otimista, é irresistível: se apropriar da agressividade dos outros como uma fantasia própria é um exercício de indulgência. (...) (Página 112)

"Na análise final, eles cometeram o mesmo erro de todos os intelectuais de esquerda: acharam que todos os outros fossem simplesmente burros. Os pobres trabalhadores não sabem o que está acontecendo, precisam que alguém lhes explique. " Christopher Gray, Leaving de 20th Century: The Incomplete Works of the Situationist International (Londres: Free Fall Publication, 1974), p. 167. (Nota de rodapé da Página 113)

Desde 1972 sem o comando de qualquer organização, o situacionismo está disponível para vários usos, alguns duvidosos. Os punks o depredaram em busca de mensagens subliminares. Os museólogos o curaram. Os acadêmicos marxistas da *Telos* o explicaram como uma filosofia da escola de Frankfurt, tão inofensiva quanto eles próprios. Oportunistas pró-situ como Tom Ward faturaram com sua especialização no assunto. Veteranos da IS lembram-se dele, mas só aqueles que foram excluídos. Anarquistas o difamaram, ou então miscigenaram-se com ele. Exibicionistas congratularam-se uns aos outros por ter ouvido falar nele. Em algum lugar, trabalhadores podem ter se apropriado dele embora isso seja pura especulação.

Está tudo acabado - e, ao mesmo tempo, está tudo espalhado. O situacionismo está morto. Vida longa ao situacionismo! (Página 115 e 116)

Minidicionário

Arraia-miúda: População sem representatividade, inexpressivo, simples, carente, plebe, comum, popular.

Conscrição: é um termo geral para qualquer trabalho involuntário requerido por uma autoridade estabelecida. É mais frequentemente, contudo, associado ao serviço militar obrigatório.

Laissez-faire: é expressão escrita em francês que simboliza o liberalismo econômico, na versão mais pura de capitalismo de que o mercado deve funcionar livremente, sem interferência, taxas nem subsídios, apenas com regulamentos suficientes para proteger os direitos de propriedade

Rio de janeiro, 19 de julho de 2022

Tiago André Marques Malta
CRP: 05/38560
WhatsApp: (21) 99420-5918
E-mail: tiagomaltapsi@gmail.com
Blog: http://tiago-malta.blogspot.com/